

## O PROFISSIONAL DE SECRETARIADO E A TRADUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS

Gisele Benck de Moraes<sup>7</sup>  
Natália Kunz Caselani<sup>8</sup>

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo fazer uma análise dos aspectos contextuais da tradução, bem como das dificuldades encontradas pelo profissional de Secretariado Executivo Bilíngue no que diz respeito à compreensão e tradução de textos de nível técnico, observando seus reflexos no âmbito empresarial, considerando que a cada dia o mercado de trabalho vem se tornando mais competitivo, exigindo assim, profissionais competentes, perceptivos e capacitados, ou seja, profissionais melhores preparados para enfrentar as diversas situações impostas pela globalização. Sendo assim, o domínio de línguas estrangeiras pode ser um grande diferencial para quem deseja se destacar em sua profissão, em especial o Secretário(a) Executivo(a) Bilíngue, devido a suas responsabilidades e atribuições diárias. Salienta-se também que o profissional deve se preocupar constantemente com a busca pela atualização e qualificação, a fim de atender as tendências e influências no ramo da tradução, pois é necessário além de conhecimentos técnicos acerca do assunto, ser dotado de um conhecimento aprofundado da língua materna, pois compreendê-la e aplicá-la são requisitos fundamentais para um bom profissional. Conhecer somente a língua é o mesmo que restringir o próprio crescimento profissional e até cultural, já que o sucesso em oportunidades de emprego está diretamente ligado à capacidade de se expressar devidamente por meio da língua falada e escrita. Para isso realizou-se uma pesquisa bibliográfica acerca do assunto e fez-se uma análise das traduções de um texto técnico na área de língua inglesa. Também optou-se pela aplicação de um questionário para profissionais da área de secretariado, conhecedores também do inglês como língua estrangeira. Durante a análise mostrou-se que traduzir é muito mais do que conhecer a língua, mostrou-se que traduzir é conhecer o contexto e a cultura em que o termo técnico foi utilizado.

**Palavras-chave:** Tradução. Textos técnicos. Secretariado Executivo Bilíngue

### 1 Introdução

Com o mundo globalizado, as trocas de informações tornam-se instantâneas, e para uma organização que visa estabelecer laços mais fortes de lucros, é essencial a presença de pessoas aptas para estarem à frente das negociações. É por este motivo que a área secretarial vem ganhando cada vez mais espaço e autonomia no âmbito empresarial, destacando-se pela sua habilidade de comunicação, principalmente a fluência em idiomas estrangeiros (em especial o inglês). Além disso, o profissional de

---

<sup>7</sup> Mestre em Letras. Professora do curso de Letras e Secretariado Executivo Bilíngüe da UPF. E-mail: [gbenck@upf.br](mailto:gbenck@upf.br).

<sup>2</sup> Acadêmica do VII nível do curso de Secretariado Executivo Bilíngüe da Universidade de Passo Fundo. Contato: [85286@upf.br](mailto:85286@upf.br)/ [taia\\_caselani@hotmail.com](mailto:taia_caselani@hotmail.com).

secretariado tem a formação e perfil adequados ao cenário internacional, com atribuições que vão desde as mais simples (porém não menos importantes) como agendamento, atendimento a clientes e preparação de roteiros de viagem, até as mais sofisticadas, como organização de eventos, tomadas de decisão, direção de reuniões e ainda representação da empresa no exterior.

Aprender uma nova língua é muito mais complexo do que simplesmente decorar regras de gramática e vocabulário. Comunicar-se em outra língua não inclui apenas aspectos formais, mas também alguns informais que não são tão óbvios. Assim, somente quem tem experiência e conhecimento dessas peculiaridades, provenientes das mais diversas culturas, é que vai decifrar o que está implícito, pois “cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis são imprevisíveis e seus sentidos diversos” (BEZ, 2008, p. 100). Além disso, “toda tradução é um verdadeiro campo minado. Sempre há um ou outro termo, uma ou outra construção frasal que leva o tradutor a pensar um pouco mais em qual seria o equivalente no outro idioma, em vez de traduzir quase mecanicamente” (SAID, 2008, p. 01).

Assim, ao longo deste artigo, procurar-se-á demonstrar a importância do conhecimento de determinados aspectos da tradutologia, podendo servir de guia para futuros profissionais de secretariado que trabalhem diretamente com tradução ou que desejam fazê-lo, ressaltando as qualidades indispensáveis para um bom tradutor. Diante disso, serão analisadas as dificuldades encontradas na tradução de um texto técnico, bem como seus reflexos dentro da empresa e no âmbito da classe executiva, levando em conta que somente com uma sólida formação e com um conhecimento técnico-cultural específico é que se poderá atingir um nível contextual satisfatório, visando também evidenciar o valor da constante busca pela atualização e qualificação, a fim de atender as tendências e influências no ramo da tradução, pois é necessário, além de conhecimentos técnicos acerca do assunto, possuir conhecimento aprofundado da língua materna, pois compreendê-la e aplicá-la são requisitos fundamentais para o bom andamento do ofício.

Na primeira seção se abordará sobre a tradução e contexto; na segunda, os conhecimentos e métodos específicos necessários para uma tradução eficiente; na terceira será apresentado o texto, suas traduções, bem como a análise dos resultados obtidos e, para finalizar, algumas considerações serão levantadas.

## 2 Tradução: assimilação contextual

Às vezes, acontece de se ler um texto e, apesar de muito esforço, não conseguir entender o que realmente o autor quis dizer. Isso também ocorre com os textos ou manuais em outras línguas e a sua causa pode ser a falta de conhecimento das normas cultas da língua de origem de quem o formulou, o que acaba dificultando muito o seu processo de decodificação.

Eco (2007, p. 190) afirma que:

uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente lingüísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo.

Dessa forma, pode-se perceber que a tradução de um texto de qualquer gênero, seja técnico ou literário, não é baseada apenas na simples substituição de signos lingüísticos, ou seja, palavra por palavra, mas sim, no desafio de encontrar termos e expressões que se encaixem corretamente no contexto do assunto em questão.

Sá (2004, p. 10) também concorda dizendo que “a compreensão de um texto não se dá apenas por parte da assimilação individual das palavras. Ocorre por conta da assimilação contextual que as mesmas possuem”.

Outro fato que ocorre muito são palavras e expressões repetidas no decorrer do texto. Mas isso não quer dizer que elas tenham necessariamente o mesmo significado. Tudo depende do contexto no qual a expressão está inserida, levando em conta também que, não existe apenas uma única tradução correta de um texto. Pelo contrário, são várias as possibilidades. Como se pode constatar quando o autor afirma que, “embora as palavras tenham o mesmo significado formal na língua-fonte e na língua-alvo, podem não admitir tradução *ao pé da letra* e exigir uma adaptação ao contexto” (SAUAYA, 2001, p. 03).

A problemática com a questão da fonte e do destino acontece principalmente quando o texto fonte é muito antigo e, portanto, se torna muito difícil encontrar termos que se igualem àquele da época. Nesses casos é muito importante levar em conta que uma tradução - de maior ou menor fidelidade em relação ao texto fonte - pode exercer influência na cultura de chegada, e é aí que surge a velha dúvida: “uma tradução deve

levar o leitor a compreender o universo linguístico e cultural do texto de origem ou deve transformar o texto original para torná-lo aceitável ao leitor da língua ou da cultura de destino? (ECO, 2007, p. 201)”.

Eco (2007, p. 201) ainda explica que se deve considerar o fato, que afinal é comprovado, de que as traduções envelhecem: “o inglês de Shakespeare permanece sempre o mesmo, mas o italiano das traduções shakespearianas de um século atrás denuncia a própria idade”. Isso significa que os tradutores, ainda que tentando restituir a língua e o período histórico de origem, acabam modernizando de alguma forma o original, mesmo sem intenção.

Assim, os homens conseguem comunicar-se e influenciar-se mutuamente através de traduções literárias, e isso é uma evidência histórica. O *to be or not to be* de Shakespeare, por exemplo, é hoje patrimônio universal graças às mil traduções suas (NOUGUÉ, 2006, p. 06).

É interessante ressaltar que no momento que o tradutor encontrar obstáculos linguísticos e culturais - devido muitas vezes à época em que foi escrito o texto original e também à inexistência de alguns termos na língua-alvo -, cabe a ele contorná-los e perceber qual o tipo de linguagem apropriada para a finalidade do texto, procurando chegar o mais próximo possível do original, sem distorcer o seu sentido.

### **3 Conhecimentos específicos**

#### **3.1 Relevância do conhecimento técnico-cultural**

Para traduzir qualquer texto, é de suma importância o profundo conhecimento técnico do assunto em questão. Para melhor compreensão, pode-se imaginar a seguinte situação: em um dia comum de trabalho de um secretário executivo bilíngue, é solicitado que traduza um manual sobre equipamentos de segurança do inglês para o português. Sua função, nesse momento, é decodificar a mensagem do manual, tornando-a simples e clara. Se isso acontecer, seu objetivo estará cumprido.

Num caso como esse, duas peças serão fundamentais: a primeira será a eficiência do secretário diante do vocabulário estrangeiro; a segunda será o seu conhecimento técnico, o qual pode ser adquirido através de ajuda especializada. Tratando mais especificamente do caso apresentado, o secretário poderia pedir auxílio a um técnico em segurança do trabalho da empresa, pois, se ele contribuísse com o

conhecimento em línguas e o técnico com o conhecimento prático nas questões de segurança, o seu trabalho seria praticamente perfeito, porque o encaixe das palavras seria adequado e os erros de interpretação seriam minimizados.

Outra questão que cabe ainda ao exemplo acima citado é que quando solicitado a tradução do manual de equipamentos de segurança do inglês para o português, é importante conhecer o inglês (assim como o português), mas igualmente e pelo menos tão profundamente é preciso ter o conhecimento sobre equipamentos de segurança.

Conforme Resende (2004, p. 109),

ao se fazer uma tradução, não é necessário somente o conhecimento da língua de partida e de chegada. Para se fazer uma boa tradução é essencial que o tradutor tenha muito conhecimento dos problemas estruturais, lingüísticos e dos fatores culturais.

Como se não bastasse as inúmeras dificuldades linguísticas encontradas pelos tradutores, ainda há que se preocupar com os dialetos. É por isso que ter conhecimentos acerca da cultura do país ou região a qual o texto é destinado implica diretamente para a eficácia da tradução. Pode-se pegar como exemplo o português: em cada região do Brasil, uma mesma palavra se altera inúmeras vezes; cada povo agrega denominações novas ao sentido original da palavra; cada estado tem suas tradições, seu modo de viver e, conseqüentemente, seu jeito de se expressar. Então, não se pode ter a língua como um paradigma que não tem quebra, pois uma mesma palavra tem vários significados corretos, basta saber e entender a cultura na qual está inserida (SILVA, 2005, p. 03).

Sousa (2004), também enumera os conhecimentos necessários ao ofício ou à arte de traduzir, e os divide em três grupos:

Grupo 1: las dos lenguas y sus culturas, necesarias para verter de una a otra y el dominio del lenguaje en ambas lenguas. Grupo 2: conocimientos ortográficos, gramaticales, léxicos y lingüísticos. Grupo 3: conocimientos tipográficos y de ortografía técnica (orto tipografía), y conocimientos de escritura científica y bibliológicos.

Resende esclarece que os fatores culturais implicam as gírias, provérbios ou expressões idiomáticas, e ainda os problemas sociais, econômicos, políticos, os textos técnicos, as ideologias, etc. Destaca ainda que “as barreiras culturais são encontradas até mesmo dentro de uma mesma sociedade, entre homens e mulheres, brancos e negros e outros – classes sociais, sexo, raça e crenças” (2004, p. 111).

Silva ainda orienta que “mais que tudo, o tradutor não pode perder de vista a finalidade para qual o texto foi construído, sem jamais deixar de observar as peculiaridades de cada texto a traduzir” (2005, p. 04).

Gambier (1998, p. 201) explica que:

Ao falar em valores culturais podemos referir-nos tanto à cultura elevada, que gera o conhecimento, como à cultura popular, que transmite sonhos. Há um tipo de cultura que adquirimos através do aprendizado, e uma outra modalidade que permeia nossa memória e nossos atos. Os dois tipos de cultura produzem mitos, estereótipos e símbolos. O próprio termo “valor” pode incluir a noção de modelos ou normas – estéticas, estilísticas, retóricas, éticas e ideológicas. Alguns valores são dominantes, legitimados e reproduzidos pela instrução escolar; outros são dominados, percebidos às vezes como marginais ou divergentes. Mas todos os valores são afetados pelas relações de poder, colhidos por tensões e contradições algumas vezes produtivas, por vezes inibidoras.

Dessa forma, cabe ao secretário(a) executivo(a) bilíngue verificar os diversos significados das palavras e adequar o melhor para determinado texto, seguindo é claro, seu conhecimento técnico-cultural.

### **3.2 Métodos e procedimentos para a tradução de textos técnicos**

Infelizmente, grande parte das tecnologias as quais os brasileiros utilizam diariamente, vem de territórios internacionais, e algumas vezes seus manuais não são de boa qualidade, sendo difícil de entendê-los. É nessas horas que ter um conhecimento técnico do assunto em questão, como já foi explicado anteriormente, é de grande valia.

Primeiramente quando o secretário for trabalhar na tradução de um manual de instruções de um equipamento que acabou de chegar do Japão, por exemplo, ele deve munir-se de alguns dicionários (monolíngue, bilíngue e outro de termos técnicos do assunto) e até utilizar alguns artigos já traduzidos na mesma área, pois quanto mais recursos disponíveis, melhor.

Depois de reunido o material, o próximo passo é a leitura completa do manual, buscando o entendimento total do assunto. Para compreendê-lo melhor, pode-se conversar com alguém que trabalhe na área, um engenheiro, por exemplo, ou melhor, com alguém que vá trabalhar com o equipamento – quem vai operá-lo. Assim, chega-se a um entendimento melhor de seu funcionamento e, enquanto isso, o secretário pode colher algumas informações que poderão ser úteis no processo.

Oliveira (2003, p.01) diz que a leitura prévia é necessária para o reconhecimento da obra, ou seja, “para se ter a informação geral do assunto a ser traduzido e a familiarização de sua forma e conteúdo”.

Após um primeiro contato com os termos técnicos utilizados através da leitura prévia, uma segunda leitura poderia esclarecer algumas dúvidas, verificar a coerência do texto e a compreensão do assunto pelo tradutor, já que em uma única leitura não se consegue pegar todo o contexto em si.

Após a análise textual, inicia-se a tradução propriamente dita, buscando sempre enquadrar as palavras que melhor se correlacionem com o sentido original e, como se tratam em sua maioria de termos técnicos, a atenção deve ser sempre redobrada, pois existem algumas particularidades que podem ter seu sentido alterado com o passar dos tempos. Nesses casos, um pequeno erro de decodificação pode gerar enormes conseqüências.

Cruz (2004, p. 65) dá um exemplo sobre a dificuldade de tradução para uma língua indígena: “quando o Padre Anchieta quis traduzir a Bíblia para os indígenas, ele teve de observar os contextos que estimulavam uma aproximação. Assim, Jesus ficou sendo o Deus do Trovão, Maria, a lansá... Houve, desta forma, uma tradução literária, cultural e lingüística”, depois faz um breve comentário de que “uma tradução pode alterar o texto original sob influência do contexto da literatura de chegada” (2004, p. 67).

Deve-se procurar sempre aproximar a linguagem a ser utilizada ao universo do leitor, preocupando-se em chamar sua atenção sobre a relevância do assunto para a sua prática profissional. É por este motivo que é muito importante saber qual será o público-alvo do texto, bem como seu nível sócio-cultural.

Para facilitar a tradução e a aproximação do sentido de textos técnicos pode-se usar um *software* chamado Trados, muito utilizado por tradutores já profissionais ou técnicos. Seu processo de utilização ocorre da seguinte maneira: primeiro é necessário abrir o Word e selecionar o arquivo a ser traduzido. Depois se abre o programa Trados Workbench (área da memória). Após isso, é importante que se disponha as telas dos dois programas na área de trabalho de forma que a visualização fique mais fácil.

A segunda etapa envolve a criação de uma nova memória ou a utilização de uma já existente. Para se criar uma memória, é preciso selecionar o idioma de origem e aquele para o qual se vai traduzir. Ainda é necessário escolher o nome da memória e o local de armazenamento – preferencialmente colocar o nome do cliente e o par de

idiomas para facilitar referências futuras, quando finalizar a tradução, esta ficará armazenada no banco de dados do programa e poderá ser utilizada para outras traduções.

Deve-se considerar que há dois tipos de memória – em arquivo TMW e em arquivo TXT – que apesar de iguais, têm procedimento de abertura diferente.

A memória TMW, por se encontrar em formato de arquivo do Trados, já está pronta para ser aberta e utilizada. O procedimento é muito simples, é só clicar em “file”, selecionar “open” e procurar a memória (LEÃO, 2009, p. 08).

A memória TXT, é a que foi exportada em forma de arquivo de texto. Sua manipulação é mais fácil e é utilizada no intercâmbio de memórias com outras ferramentas. Seu procedimento também é muito simples, é só repetir os mesmos passos para se criar uma memória vazia, em seguida clicar em “file”, “import”, e selecionar a memória que deseja importar (LEÃO, 2009, p. 08)

Na medida em que se têm um número significativo de traduções armazenadas no banco de dados, o processo vai ficando mais fácil e rápido, pois existem várias expressões já traduzidas, as quais aparecem na cor azul na tela, e as demais na cor amarela.

O Trados é amplamente utilizado por profissionais altamente qualificados, já que se trata de um *software* de alto custo e é constantemente atualizado, o que dificulta a pirataria, pois sua atualização também tem um valor expressivo.

Como se pode ver, o processo tradutório não é uma tarefa tão fácil, requer muita determinação e estudo, sem contar na constante atualização. Por outro lado, muitas vezes a satisfação e o reconhecimento por tão grande esforço são compensadores e os méritos tanto financeiros quanto pessoais e profissionais são significativos, confirmando assim, que dominar outros idiomas é um diferencial.

## **4 Tradução na Prática**

### **4.1 Metodologia**

Buscando investigar a qualidade das traduções técnicas bem como os conhecimentos e habilidades essenciais aos profissionais que atuam nesta área, realizou-se primeiramente um estudo bibliográfico na literatura disponível e, posteriormente,



solicitou-se a dois participantes a tradução de um pequeno texto, do inglês para o português, juntamente com um questionário acerca do tema.

A escolha do texto em língua inglesa se deu pelo fato de ser a mais falada mundialmente e também a principal ferramenta de comunicação nas negociações internacionais, e, como a pesquisa era sobre textos técnicos, optou-se por um livro científico, com um nível de dificuldade médio, de onde foi retirado apenas uma parte do segundo capítulo a qual fala da Primeira Lei da Termodinâmica.

Tendo em vista a avaliação das traduções, a preocupação inicial foi selecionar os sujeitos da pesquisa com conhecimento da língua em questão e que realizassem traduções periodicamente. O segundo critério foi sua formação. Idade e sexo não foram levados em consideração. Assim, optou-se por dois profissionais de áreas distintas: uma engenheira ambiental e também professora de inglês de um cursinho de línguas estrangeiras e uma secretária executiva de uma multinacional, ambas atuantes na cidade de Marau.

Decidiu-se ainda, que seria interessante testar um programa de computador para cruzar com as outras duas traduções. Após algumas pesquisas na Internet, foi escolhido o sistema de tradução automática oferecido pelo Altavista (dito Babel Fish), disponível no site [http://babelfish.yahoo.com/translate\\_txt](http://babelfish.yahoo.com/translate_txt).

Para a análise dos resultados utilizou-se o método qualitativo – interpretativista, tendo como suporte a teoria já estudada nas seções anteriores.

## 4.2 Análise dos resultados

Inicialmente têm-se o texto em inglês seguido de suas três traduções – a primeira realizada pela secretária executiva, a segunda pela professora de inglês e a terceira pelo tradutor automático -, e, logo após, a sua análise.

### ***The First Law of Thermodynamics The equivalence of heat and work***

*At the very dawn of history man learned by experience that mechanical energy or work will produce heat, and made use of this experience when rubbing together two pieces of dry wood or striking a flint to obtain fire. Practical proof of the possibility of converting heat into work was given by the first steam engines set in motion by the heat produced in boiler fire-boxes by the combustion of fuel.*

*Heat, like every other form of energy, is quantitatively measurable; the technical unit is the Calorie, the amount of heat needed to raise the temperature of 1kg of water by 1°C. Since this amount varies together with the temperature, even if only insignificantly, the Soviet Standard (OCT 6259) defines the Calorie as the amount of heat required to raise the temperature of 1kg of water from 19.5° to 20.5° (known as the 20° Calorie). This definition is practically the mean between temperatures from 0° to 100°C. This technical Calorie is also known as the great calorie or kilogram-calorie (Cal, spelt with a*

capital *C* – is the abbreviation we shall use) to distinguish it from the gram-calorie (*cal*) used in physics and amounting to 0.001 of a technical Calorie.

The technical unit of work is the kilogram-metre (*kgm*).

According to the law of the conservation of energy, discovered by Lomonosov, heat and work are the equivalents of each other and may be converted one into the other, following the law of proportionality:

$$Q = AL$$

Where:  $Q$  – the amount of heat in Cal that is converted into work;

$L$  – the work in *kgm* obtained from  $Q$ ;

$A$  – a constant multiplier, the coefficient of proportionality.

We see from this that there is a definite relation between the units of heat and work so that it is quite in order to measure heat in *kgm* and work in Cal.

The equivalence of heat and mechanical energy (work) led to the formulation of the general law of the conservation of energy which states that energy can be neither created and destroyed but only converted from one form into another and that the amount of energy in one form that “disappears” during the conversion is replaced by an equal amount of the new form. The equivalence of heat and work is obviously a particular case of the general law and is not connected with any specific concepts of the nature of heat energy and the structure of matter. From the point of view of the kinetic theory of heat and matter the equivalence of heat and work is a foregone conclusion since that theory states that the heat of a material body is nothing but the mechanical energy of the movements of its minutest particles, the molecules and atoms.

The constant multiplier of equality 2-1,  $A = Q/L$ , determines the number of Cal that are the equivalent of 1*kgm* and is therefore known as the heat equivalent of work. Its magnitude was determined experimentally; the first accurate measurements were made in the forties of the last century and produced a mean figure of  $A = 1/424$  Cal/*kgm*, which was considered accurate up to the end of the century. Today, the figure obtained as the result of later investigations is taken as  $A = 1/427$  Cal/*kgm*. (2-2)

The inverse magnitude of the heat equivalent  $1/A = L/Q = 427$  *kgm*/Cal, determines the number of *kgm* that are the equivalent of 1 Cal, and is called the mechanical equivalent of heat. Both the heat and mechanical equivalents, therefore, are multipliers to be used in converting *kgm* into Cal and vice versa.

The principle of equivalence of heat and work may be given the following detailed formulation: in the conversion of heat into work every *kgm* of work provides 1/427 Cal of heat and, consequently, every “vanishing” Cal provides 427 *kgm* of work. The simplest expression of this relation is **1 Cal = 427 *kgm***, from which we see that the great calorie is a much bigger unit of energy than the kilogram-metre.

In general the kilogram-metre is too small a unit for industrial use and in power engineering the horse-power hour is used. Horse power (*hp*) is the industrial unit of power, the work done in one second, i. e., **1 *hp* = 75*kgm*/sec**, from which we get **1*hp*-hr = 75x60x60 = 270,000 *kgm***, which in unit heats is **1*hp*-hr = 270,000/427 = 632 Cal**. The industrial unit of electrical energy is the kilowatt-hour (*kwh*), the work of one kilowatt for one hour. The kilowatt (*kw*) is the industrial unit of electric power, and, 1 *kw* = 102 *gm*/sec = 1.36 *hp*, therefore, **1 *kwh* = 367,200/427 = 860 Cal**.

In connection with this the London International conference on steam tables, held in 1929, defined the Calorie as the amount of heat equivalent to 1/860 *kwh* (“the international great calorie”). This definition is superior to those given earlier since it excludes the dependence of the Calorie temperature, latitude and height above sea-level, insofar as gravitational acceleration and, therefore, the mass of 1 *kg* water depends on those factors. The kilowatthour is a unit that is definite, is measurable with great precision and is universally accepted, not only in Europe, but in Britain and the U.S.A as well; the international Calorie, therefore, deserves universal recognition and application.

Tradução 1 – Secretária Executiva:

#### **A primeira lei da termodinâmica A equivalência de calor e trabalho**

Nos primórdios da história o homem aprendeu por experiência que energia mecânica ou trabalho produzirão calor, e fez uso desta experiência quando esfregando dois pedaços de madeira seca ou golpeando uma pederneira obteve fogo. Prova prática da possibilidade de converter calor em trabalho foi determinada pelo primeiro conjunto de máquinas a vapor em movimento, pelo calor produzido em caldeira de caixas de fogo pela combustão de combustível.

Calor, como toda outra forma de energia, é quantitativamente mensurável; a unidade técnica é a Caloria, a quantia de calor necessária para elevar a temperatura de 1*kg* de água por 1°C. Desde que esta quantia varie junto com a temperatura, até mesmo se insignificadamente, o Padrão Soviético (OCT 6259)

define a Caloria como a quantia de calor exigida para elevar a temperatura de 1kg de água de 19.5° a 20.5° (conhecido como a 20° Caloria). Esta definição é praticamente a média entre temperaturas de 0° para 100°C. Esta Caloria técnica também é conhecida como a grande caloria ou quilograma-caloria (Cal, escrita com um C maiúsculo - é a abreviação usada) para distinguir isto da grama-caloria (cal) usado em físicas e chegando a 0.001 de uma Caloria técnica.

A unidade técnica de trabalho é o quilograma-metro (kgm).

De acordo com a lei da conservação de energia, descoberta por Lomonosov, calor e trabalho é a equivalência de um ao outro e podem ser convertidos para outro, seguindo a lei de proporcionalidade:

$$Q = AL$$

Onde:

Q - a quantia de calor em Cal que é convertido em trabalho;

L - o trabalho em kgm obtido de Q;

A - um multiplicador constante, o coeficiente de proporcionalidade.

Nós vemos através disto que há uma relação definida entre as unidades de calor e trabalho, de forma que isto está totalmente em ordem para medir calor em kgm e trabalho em Cal.

A equivalência de calor e energia mecânica (trabalho) conduziu à formulação da lei geral da conservação de energia, onde estados que a energia não pode nem ser criada e nem pode ser destruída, mas só pode ser convertida de uma forma em outro e que a quantia de energia em uma forma que "desaparece" durante a conversão é substituída por uma quantia igual da forma nova. A equivalência de calor e trabalho é obviamente um caso particular da lei geral e não está conectado com qualquer conceito específico da natureza de energia de calor e a estrutura em referência. Do ponto de vista da teoria cinética de calor e a equivalência de calor e trabalho é uma conclusão passada desde aqueles estados de teoria que o calor de um corpo material está nada mais que a energia mecânica dos movimentos de suas partículas, as moléculas e átomos.

O multiplicador constante de igualdade 2-1,  $A = Q/L$ , determina o número de Cal que é o equivalente de 1kgm e é então conhecido como o calor equivalente de trabalho. Sua magnitude era experimentalmente determinada; as primeiras medidas precisas foram feitas nos anos 40 do último século e produziram uma figura de  $A = 1/424$  Cal/kgm que foram considerados necessários até o fim do século. Hoje, a figura obtida como o resultado de investigações posteriores é como  $A = 1/427$  Cal/kgm. (2-2)

A magnitude inversa do calor equivalente  $1/A = L/Q = 427$  kgm/Cal, determina o número de kgm que é o equivalente de 1 Cal, e é chamado o mecânico equivalente de calor. O calor e equivalente mecânico, então, são multiplicadores a ser usado convertendo kgm em Cal e vice-versa.

O princípio de equivalência de calor e trabalho pode ser dado a formulação detalhada seguinte: na conversão de calor em trabalho, cada kgm de trabalho provê  $1/427$  Cal de calor e, por conseguinte, todo Cal "desaparecendo" provê 427 kgm de trabalho. A expressão mais simples desta relação é 1 Cal = 427 kgm dos quais nós vemos que a grande caloria é uma unidade muito maior de energia que o quilograma-metro.

Em geral o quilograma-metro é uma unidade muito pequena para uso industrial e em engenharia o "horse-power hora" é usada. Horse power (hp) é a unidade industrial de força/energia, o trabalho feito em um segundo, ex:  $1 \text{ hp} = 75 \text{ kgm/sec}$  dos quais nós obtemos  $1 \text{ hp-hr} = 75 \times 60 \times 60 = 270,000$  kgm que em calores de unidade são  $1 \text{ hp-hr} = 270,000/427 = 632$  Cal. A unidade industrial de energia elétrica é a quilowatt-hora (kwh), o trabalho de um quilowatt durante uma hora. O quilowatt (kw) é a unidade industrial de energia elétrica, e,  $1 \text{ kw} = 102 \text{ gm/sec} = 1.36 \text{ hp}$ , então,  $1 \text{ kwh} = 367,200/427 = 860$  Cal.

Com relação a isto, a conferência Internacional de Londres, em 1929, definiu a Caloria como a quantia de calor equivalente a  $1/860$  kwh ("a grande caloria internacional"). Esta definição é superior àquelas dadas antes, desde que exclui a dependência da temperatura de Caloria, latitude e altura sobre nível do mar, bem como aceleração gravitacional e, então, a massa de 1 água de kg depende desses fatores. O kilowatt hora é uma unidade que está definida, é mensurável com grande precisão e é aceito universalmente, não só na Europa, mas também na Inglaterra e os U.S.A; então, a Caloria internacional merece reconhecimento universal e aplicação.

Tradução 2 – Professora de línguas:

### **A primeira lei da termodinâmica A equivalência do calor e do trabalho**

No completo surgimento da história o homem aprendeu pela experiência que a energia mecânica ou o trabalho produzira calor, e faz uso dessa experiência quando esfrega dois pedaços de madeiras ou pedras para obter fogo. Um prova concreta da possibilidade de converter calor em trabalho foi dada pelas primeiras locomotivas a vapor colocadas em movimento pelo calor produzido pela fornalha de caldeira pela combustão do combustível.

O calor, como qualquer outra forma de energia, é quantitativamente mensurável, a unidade técnica é a caloria, a quantidade de calor necessária para elevar a temperatura de 1 kg de água em 1°C. Desde que esse valor varia junto com a temperatura, mesmo que apenas de modo insignificante, o Padrão Soviético (OTC 6259) define a caloria como quantidade de calor necessária para elevar a temperatura de 1 kg de água de 19,5° para 20,5° (conhecido como a caloria 20°). Esta definição é praticamente a média entre as temperaturas de 0° a 100°C. Esta caloria técnica é também conhecida como a grande caloria ou quilograma calórico (Cal, soletrado com letra maiúscula C – é a abreviação que usaremos) para distingui-la da caloria-grama (cal) usada em física e a quantia de 0,001 da Caloria técnica.

A unidade técnica de trabalho é o quilograma metro (kgm).

De acordo com a lei de conservação da energia, descoberta por Lomonosov, calor e trabalho são equivalentes para cada um e pode ser convertido um no outro, seguindo a lei da proporcionalidade.

$$Q=AL$$

Onde: Q - quantia de calor em caloria que é convertida em trabalho;

L - o trabalho em kgm obtido de Q;

A - um constante multiplicador, o coeficiente de proporcionalidade.

Vemos a partir deste que há uma clara relação definida entre as unidades de calor e de trabalho que é completamente aceitável medir o calor em kgm e o trabalho em Cal.

A equivalência de calor e energia mecânica (trabalho) molda a formulação da lei geral de conservação de energia a qual define que a energia não pode ser nem criada e nem destruída, mas apenas convertida de uma em outra e que a quantia de energia de uma forma que “desaparece” durante a conversão é resposta por uma igual quantia da nova forma. A equivalência do calor e trabalho é obviamente um caso particular da lei geral e não é conectado com nenhum conceito específico da natureza da energia do calor e da estrutura da matéria. Do ponto de vista da teoria cinética o calor e a matéria de calor equivalente e trabalho é uma prévia conclusão desde que a teoria declara que o calor de um corpo material não é nada, mas a energia mecânica do movimento destas pequenas partículas, as moléculas e os átomos.

O constante multiplicador de igualdade 2-1,  $A=Q/L$ , determina o número de Cal que é equivalente a 1 kgm e é conseqüentemente conhecido como o calor equivalente de trabalho. Sua magnitude foi determinada experimentalmente, a primeira medição exata foi feita nos quarenta do último século e produziu uma figura média de  $A=1/424$  Cal/kgm, a qual foi considerada exata até o final do século. Hoje, a figura obtida como os resultados de investigações posteriores são tomados como  $A=1/427$  Cal/kgm (2-2).

A magnitude inversa do calor equivalente  $1/A = L/Q = 427$  kgm/Cal, determina o número de kgm que é equivalente a 1 Cal, e é chamado de equivalente mecânico de calor. Ambos o calor e os equivalentes mecânicos, conseqüentemente são múltiplos a serem usados na conversão de kgm em Cal e vice-versa.

O princípio da equivalência do calor e do trabalho ser dado seguindo a formulação detalhada: *na conversão do calor em trabalho cada kgm de trabalho fornece 1/427 Cal de calor e, conseqüentemente, cada Cal “perdida” fornece 427 kgm de trabalho.* A simples expressão desta relação é  $1 \text{ Cal} = 427 \text{ kgm}$ , com a qual nós vemos que a maior caloria é uma unidade muito maior de energia que o quilograma metro.

Em geral o quilograma metro é uma unidade demasiado pequena para o uso industrial e na engenharia o poder do cavalo a vapor hora é usado. O cavalo a vapor é a unidade industrial de força, o trabalho feito em um segundo, exemplo, 1hp 75 kgm/seg., do qual nós pegamos 1hp – hr =  $75 \times 60 \times 60 = 270,000$  kgm, o qual em unidade de calor é 1hp – hr =  $270,000/427 = 632$  Cal. A unidade industrial de energia elétrica é o quilowatt hora (kWh), o trabalho de um quilowatt por uma hora. O quilowatt (kW) é a unidade de força elétrica industrial, e,  $1\text{kw} = 102 \text{ gm/seg.} = 1,36\text{hp}$ , conseqüentemente,  $1\text{kwh} = 367,200/427 = 860 \text{ Cal}$ .

Em relação com a Conferência Internacional de Londres sobre a tabela de vapores, realizada em 1929, definindo a caloria como a quantia de calor equivalente a 1/860 kWh (“a grande caloria internacional”). Esta definição é superior aquelas dadas antecipadamente desde que isso exclua a dependência da temperatura da caloria, latitude e da altitude acima do nível do mar, a medida que a aceleração gravitacional e, conseqüentemente, a massa de 1kg de água depende destes fatores. O quilowatt hora é uma unidade que é definida como sendo mensurável com ótima precisão e é universalmente aceita, não apenas na Europa, mas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos também, a Caloria internacional, conseqüentemente, merece reconhecimento e aplicação universal.

Tradução 3 – Altavista:

### A primeira lei de Thermodynamics A equivalência do calor e do trabalho

No alvorecer mesmo do homem da história aprendido pela experiência que a energia mecânica ou o trabalho produzirão o calor, e empreg esta experiência ao friccionar junto duas partes de madeira seca ou ao golpear um sílex para obter o fogo. A prova prática da possibilidade de calor de conversão no trabalho foi dada pelos primeiros motores de vapor ajustados no movimento pelo calor produzido em fire-boxes da caldeira pela combustão do combustível.

Aqueça, como cada outro formulário de energia, seja quantitativa mensurável; a unidade técnica é a caloria, a quantidade de calor necessário para levantar a temperatura de 1kg da água por 1°C. Desde que esta quantidade varia junto com a temperatura, mesmo se somente insignificante, o padrão soviético (OUTUBRO 6259) define a caloria como a quantidade de calor exigida para levantar a temperatura de 1kg da água de 19.5° para 20.5° (conhecido como a caloria 20°). Esta definição é praticamente o meio entre temperaturas de 0° a 100°C. Esta caloria técnica é sabida igualmente como a grande caloria ou a quilograma-caloria (Cal, soletrado com um C importante - é a abreviatura que nós nos usaremos) para distingui-la da grama-caloria (cal) usada na física e em atingir 0.001 de um Calorie.

A unidade técnica de trabalho é o quilograma-medidor (kg).

De acordo com a lei da conservação de energia, descoberta por Lomonosov, o calor e o trabalho são os equivalentes de se e podem ser convertidos um no outro, seguindo a lei da proporcionalidade:

$$Q = AL$$

Onde: Q - a quantidade de calor no Cal que é convertido no trabalho;

L - o trabalho em kg obtido de Q;

A - um multiplicador constante, o coeficiente da proporcionalidade.

Nós vemos deste que há uma relação definitiva entre as unidades de calor e o trabalho de modo que seja completamente a fim medir o calor em kg e no trabalho no Cal.

A equivalência do calor e da energia mecânica (trabalho) conduzidos à formulação da lei geral da conservação de energia que indic que a energia não pode ser nenhuma criada e destruída mas convertida somente de um formulário em outro e que a quantidade de energia em um formulário que “desaparece” durante a conversão está substituída por uma quantidade igual do formulário novo. A equivalência do calor e do trabalho é obviamente um exemplo particular da lei geral e não é conectada com nenhuns conceitos específicos da natureza da energia calorífica e da estrutura da matéria. Do ponto de vista da teoria de calor cinética e importa a equivalência do calor e o trabalho é um inevitável desde que a teoria indic que o calor de um corpo material não é nada mas a energia mecânica dos movimentos de suas partículas mais minuciosas, das moléculas e de átomos.

O multiplicador constante da igualdade 2-1,  $A = Q/L$ , determina o número de Cal que é o equivalente de 1kgm e é sabido conseqüentemente porque o equivalente de calor do trabalho. Seu valor foi determinado experimental; as primeiras medidas exatas foram feitas nos anos quarenta do século passado e produziram uma figura média de  $A = 1/424$  de Cal/kg, que foi considerado exato até o fim do século. Hoje, a figura obtida como o resultado de umas investigações mais atrasadas é tomada como  $A = 1/427$  de Cal/kg. (2-2)

O valor inverso do equivalente de calor  $1/A = L/Q = 427$  kg/Cal, determina o número de kg que é o equivalente de 1 Cal, e é chamado o equivalente mecânico do calor. O calor e os equivalentes mecânicos, são conseqüentemente multiplicadores a ser usados em converter kg no Cal e reciprocamente.

O princípio de equivalência do calor e do trabalho pode ser dado a seguinte formulação detalhada: na conversão do calor no trabalho cada kg do trabalho fornece 1/427 de Cal do calor e, conseqüentemente, cada Cal “de desaparecimento” fornece 427 kg do trabalho. A expressão a mais simples desta relação é  $1 \text{ Cal} = 427 \text{ kg}$ , de que nós vemos que a grande caloria é uma unidade muito mais grande de energia do que o quilograma-medidor.

Geralmente o quilograma-medidor é uma unidade demasiado pequena para o uso industrial e na engenharia de poder a hora do cavalo-força é usada. O poder de cavalo (cavalo-força) é a unidade industrial de poder, o trabalho feito em um segundo, isto é, 1 cavalo-força = 75kgm/sec, de que nós começ  $1 \text{ hp-hr} = 75 \times 60 \times 60 = 270.000 \text{ kg}$ , que na unidade se aquece é  $1 \text{ hp-hr} = 270.000/427 = 632 \text{ Cal}$ . A unidade industrial de energia eléctrica é o kilowatt-hour (kwh), o trabalho de um quilowatt para uma hora. O quilowatt (quilowatt) é a unidade industrial de energia eléctrica, e, 1 quilowatt =  $102 \text{ gm/sec} = 1.36$  cavalos-força, conseqüentemente,  $1 \text{ kwh} = 367.200/427 = 860 \text{ Cal}$ .

Em relação a isto a Conferência Internacional de Londres sobre as tabelas de vapor, realizadas em 1929, definiu a caloria como a quantidade de equivalente de calor a 1/860 de kwh (“a grande caloria internacional”). Esta definição é superior àquelas dadas mais cedo desde que exclui a dependência da temperatura, da latitude e da altura da caloria acima do nível do mar, tanto que a aceleração gravitacional e, conseqüentemente, a massa de 1 quilograma de água dependem daqueles fatores. O kilowatthour é uma unidade que seja definitiva, seja mensurável com grande precisão e seja aceita universal, não somente

em Europa, mas em Grã Bretanha e nos EUA também; a caloria internacional, merece conseqüentemente o reconhecimento e a aplicação universais.

Far-se-á agora a análise, abordando as principais diferenças e também as semelhanças entre as três versões. Iniciando pelo título, pode-se observar que houve diferenças quando da tradução do termo *the equivalence of heat and work*, o qual fora feito de duas formas: *a equivalência de calor e trabalho* e *a equivalência do calor e do trabalho*, o que aos olhos de um leigo pode parecer a mesma coisa, porém representam diferenças semânticas, sendo que a primeira é mais abrangente, pois refere-se ao calor em geral - pode ser qualquer calor, do dia, da noite, do sol...-, e, a segunda é mais específica, devido à presença do artigo definido (*o*), ou seja, diz respeito única e exclusivamente ao calor que pode ser convertido em trabalho, ou vice-versa.

Também, já no início do primeiro parágrafo verifica-se que ocorreu uma discordância de idéias, pois nenhuma das três foi parecida. A secretária, por exemplo, traduziu a frase *at the very dawn of history* como *nos primórdios da história*, a professora, por sua vez entendeu como *no completo surgimento da história* (o que pode-se considerar um pouco vago para uma tradução técnica), já o Altavista interpretou a expressão de uma forma completamente confusa, *no alvorecer mesmo do homem da história*, deixando claro que este tipo de tradutor não é o mais indicado para traduções técnicas, servindo apenas como auxiliar para outras mais casuais.

Nota-se ainda, ao longo do texto traduzido pelo Altavista, que o programa deixou muito a desejar, pois algumas palavras aparecem cortadas e alguns termos não foram traduzidos, tais como: *fire-boxes* (que no entendimento da secretária significa *caldeira de caixas de fogo* e para a professora é uma *fornalha de caldeira*), *kilowatthour* (quilowatt hora) e *calorie* (calor). Em compensação, o programa traduziu outros termos que na verdade não deveria como é o caso, por exemplo, da sigla "OCT 6259", a qual foi traduzida como Outubro (provavelmente porque *oct* é a abreviação em inglês para *October*). Nesses casos, quando não se tem certeza de seu significado, é preferível deixar o termo técnico por traduzir, como fizeram as participantes, ao invés de arriscar. Por isso seria interessante o uso de um programa de tradução com lista de palavras.

Outra expressão traduzida erroneamente pelo software é *kilogram-metre* (quilograma-metro) cuja sigla é *kgm*. O programa não só traduziu errado, por *quilograma-medidor*, mas também eliminou uma letra da sigla, deixando apenas como *kg*.

Eco (2007, p. 33) explica que o Altavista está condenado ao fracasso por não possuir um dicionário que contenha o que se chama de “seleções contextuais”, ele faz apenas a tradução literal e, portanto, não é capaz de discernir que as palavras assumem significados diversos segundo o contexto.

Porém, na expressão *were made in the forties of the last century*, foi o Altavista que o traduziu da melhor forma, no que diz respeito ao contexto, pois foi o que mais especificou o período de tempo referido no texto original - nos anos quarenta do século passado. Já a professora ao transcrever *nos quarenta do último século* não especificou que se tratava dos anos quarenta ou da década de 1940. Não que sem tal especificação não dê para entender o que está implícito, mas apenas quer-se ressaltar que está menos completa, pois em se tratando de tradução técnica, qualquer termo deve ser transcrito, a fim de passar a mensagem da forma mais clara possível para o receptor, sem deixar margem a outras interpretações.

No trecho *heat and work are the equivalents of each other and may be converted one into the other, following the law of proportionality* fica nítida a idéia de que o melhor é a tradução contextual e não a literal, pois todas as versões reproduziram mais de uma vez as expressões “cada um” e “um no outro” deixando o parágrafo um pouco confuso e repetitivo. Bastava passar a idéia de que calor e trabalho são equivalentes e, portanto, podem ser convertidos um no outro.

Mais um aspecto que vale comentar é a palavra *this* constante da expressão *we see from this*, que é melhor aplicada à tradução por *disto* (conforme a secretária), do que por *deste* (como os demais), já que *disto* se refere à expressão anteriormente exemplificada (Q=AL) sobre a lei da proporcionalidade.

Ainda, nota-se na versão da secretária que há uma passagem confusa, trata-se da tradução da frase *every “vanishing” Cal provides 427 kgm of work*, a qual fora transcrita como *todo Cal “desaparecendo” provê 427 kgm de trabalho*. Esta não fora a melhor das versões porque primeiramente deve-se lembrar que Cal é a abreviação da unidade técnica da caloria e não a abreviação de calor e, portanto, o correto é dizer *toda Cal* (feminino). Se Cal se referisse a *calor*, estaria correto o uso do adjetivo masculino *todo*. Em segundo lugar, a tradução para o termo *vanishing* como *desaparecendo* não condiz tanto com o contexto como a expressão *perdida*, a qual fora exprimida pela professora de línguas.

Uma das últimas expressões técnicas que aparece no texto é *Horse Power*, mais conhecida como *HP*, a qual muitos traduzem como *cavalo a vapor*, porém, deve-se ter

cuidado, pois as duas são unidades diferentes e não tradução uma da outra. Neste contexto, por exemplo, ela tem o sentido de potência. Assim, é importante ressaltar mais uma vez a importância do conhecimento técnico, para saber discernir qual a melhor tradução para determinado termo ou se é preferível não traduzi-lo, por inexistir uma expressão equivalente que caiba ao contexto.

Em geral, pode-se dizer que todas as versões utilizaram o método de tradução literal a maior parte do tempo, e não o contextual, que é o mais recomendado e aceito pelas empresas que contratam os serviços de tradutores profissionais, pois elas necessitam que as traduções sejam claras e concisas, para que o seu público-alvo possa entender mais facilmente.

Também é importante ressaltar que o tradutor deve se preocupar em reproduzir o mesmo efeito do texto original, como explica Eco (2007, p. 92) ao afirmar que:

Muitos autores, em vez de equivalência de significado, falam de equivalência funcional ou de skopos theory: uma tradução (sobretudo no caso de textos com finalidade estética) deve produzir o mesmo efeito que o original visava. Nesse caso fala-se de iguade do valor de troca, que se torna uma entidade negociável.

Assim, após esta breve análise textual, pôde-se confirmar o que anteriormente foi discutido na teoria, que um bom profissional deve agregar não só qualidade, agilidade e comprometimento, dentre outras competências, mas principalmente o conhecimento técnico, lingüístico e cultural, evidenciando que não é qualquer pessoa que pode se infiltrar pelos árduos caminhos da tradução.

Partir-se-á agora para a análise do questionário, o qual é composto de cinco questões pertinentes à prática tradutória das duas participantes e a relação com a profissão de cada uma.

Primeiramente, as participantes foram questionadas sobre o método utilizado para a tradução do texto “The first Law of Thermodynamics”, a qual responderam basicamente a mesma coisa. Primeiro fizeram uma leitura prévia do texto para se familiarizar com seu conteúdo e linguagem e depois foram traduzindo cada parágrafo a partir do próprio conhecimento e também com o auxílio de dicionários. Como o texto não é tão complicado e não apresenta um grande número de termos técnicos, não houve a necessidade de utilizar um programa de computador. A secretária executiva ainda acrescentou que sua experiência no ramo da indústria facilitou seu trabalho.



A segunda questão dizia respeito à frequência com que cada uma realiza traduções. Assim, a secretária respondeu que faz praticamente todos os dias, devido às atribuições referentes ao cargo (Staff Diretoria) e que os textos mais solicitados são: e-mails referentes a obras, contatos com clientes, documentos e contratos bancários, “invoices”, ordens de compra, expressões em projetos de engenharia e cartas comerciais dos executivos, ou seja, suas traduções são mais casuais, de cunho profissional e, portanto, não tão exigente quanto a tradução técnica que prima pelo uso de recursos mais aperfeiçoados, sendo mais complexa e difícil.

A professora de línguas também disse que as faz frequentemente, mas que estas se resumem a materiais didáticos, textos utilizados em aula.

Quando questionadas se já fizeram algum curso de tradução, ambas afirmaram que nunca fizeram nenhum curso específico na área, apenas curso de idiomas, e que somente a experiência do dia-a-dia, nas aulas de inglês (professora) e na prática do “listening” quando da presença de estrangeiros na empresa (secretária), as fez desenvolver a habilidade.

Perguntou-se também sobre a utilização de algum *software* para tradução técnica e, mais uma vez, a resposta de que nenhuma utiliza programas específicos e também não sabem como operá-los, pois acreditam que a tradução feita por *softwares* nem sempre confere com a realidade do que se quer expressar. Apenas procuram em dicionários técnicos algumas palavras que não conhecem. Segundo a secretária executiva, sua obrigação é passar a idéia principal, assim, ela traduz da melhor maneira possível e depois o lê junto com a área solicitante para ver se fecha com a realidade. Porém, um bom programa de computador com listas de palavras e memórias de tradução como o Trados seria ideal para evitar confusões ou diferentes traduções e até para agilizar o processo.

A última pergunta foi direcionada à área de atuação das entrevistadas.

Sendo assim, questionou-se a secretária sua opinião com relação à atuação do secretário executivo como tradutor e se ele tem a preparação e a formação necessária para atuar nesse campo, ou há a necessidade de um curso específico. Desta forma, a secretária opinou que somente o curso de secretariado não é suficiente, justificando que o curso é muito amplo e mostra apenas direções. Ela afirma que há necessidade de aprimoramento e sugere que se faça um curso paralelo de idiomas e mais tarde um curso específico de tradução, e assegura que aliar o conhecimento teórico com a prática no ambiente de trabalho é um método eficaz.

Por meio deste breve questionário, portanto, pôde-se comprovar que uma tradução eficaz se realiza por meio de um conjunto de fatores, como, formação em uma área afim, conhecimento aprofundado da língua fonte e da língua de destino, conhecimento e aprimoramento constante das técnicas de tradução - através de cursos específicos e da utilização de *softwares* de alta tecnologia – e acima de tudo, prática, pois é a cada processo que se ampliam os conhecimentos e se aprimoram as técnicas.

## **5 Considerações finais**

Através do presente artigo, pôde-se identificar e analisar os aspectos contextuais e culturais da tradução, bem como as dificuldades enfrentadas pelo profissional de secretariado executivo bilíngüe no que diz respeito à compreensão e tradução de textos de cunho técnico, dando ênfase à necessidade de possuir um diferencial para se destacar no mercado de trabalho, que está se tornando cada vez mais competitivo devido à grande procura por profissionais competentes, perceptivos, capacitados e dotados de aptidões variadas, capazes de se adaptar às exigências do mercado.

Sendo assim, as análises da tradução do texto e do questionário possibilitaram a comprovação da teoria, discutida anteriormente, mostrando que a tradução de um texto técnico não é de maneira alguma simples como a maioria pensa, e que não é qualquer pessoa que tem a capacidade de fazê-la de forma eficaz, ou seja, para uma tradução casual precisa-se reunir os requisitos básicos que são o conhecimento da língua materna e da língua fonte, e suas regras de gramática, porém, para se fazer uma tradução de nível técnico é necessário muito mais do que isso, por ela ser mais complexa e exigir outras habilidades do profissional, além do uso de recursos mais aperfeiçoados.

Através deste estudo pode-se dizer que o profissional de Secretariado deve preocupar-se constantemente com a busca pela atualização e qualificação, a fim de atender as tendências e influências no ramo da tradução, pois é necessário, além de conhecimentos técnicos sobre a área em questão, a ciência da língua fonte e da língua de destino, a noção da cultura para a qual vai traduzir, o desenvolvimento de técnicas de tradução, o domínio de tecnologias – como *softwares* de tradução técnica -, o uso de boas fontes de pesquisa, entre outras competências, além da percepção de que cada tradução é única e, portanto, exige do tradutor a capacidade de discernir qual o melhor método que deve ser empregado de modo a possibilitar a transferência do material

textual de uma língua para outra, confrontando áreas específicas de duas línguas e culturas distintas.

## Referências

ARROJO, Rosemary. *O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992.

BEZ, Alessandra da Silva. *A importância da construção de sentido no processo tradutório*. Letrônica, Porto Alegre, v. 1, n. 1, dez. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

BODERNAVE, Maria Cândida Rocha. Fundamentos de uma metodologia de ensino da tradução. In: NEIS, Ignácio Antônio; RODRIGUES, Sara Viola (Orgs). *O ensino da tradução: 3º encontro nacional de tradutores*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989, p. 59-63.

CRUZ, Ronald Taveira da. Quine e Campos: Duas embarcações tradutórias. In: CARVALHAL, Tânia Franco; REBELLO, Lúcia Sá; FERREIRA, Eliana Fernanda Cunha (Orgs.). *Transcrições: teoria e práticas: em memória de Haroldo de Campos*. Porto Alegre: Evangraf, 2004, p. 63-70.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERNANDES, Ana Beatriz Miranda. *Revisão apenas alguns aspectos*. Disponível em: <<http://abrates.com.br>>. Acesso em: 13 mar. 2009.

GAMBIER, Yves et al. Os tradutores e a transmissão dos valores culturais. In: DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (Orgs). *Os tradutores na história*. Traduzido por Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998, p. 201-237.

JOLY, Jean-François. Prefácio. In: DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (Orgs). *Os tradutores na história*. Traduzido por Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998, p. 09-12.

LEFEVERE, André et al. Os tradutores e o poder. In: DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (Orgs). *Os tradutores na história*. Traduzido por Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998, p. 143-166.

LEVY, Ângela. *Sabe inglês? Vire tradutor*. Disponível em: <<http://abrates.com.br>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza Org. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, [19--].

NAMA, Charles Atangana et al. Os tradutores e o desenvolvimento das línguas nacionais. In: DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (orgs). *Os tradutores na história*. Traduzido por Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998, p. 37-75.

NOUGUÉ, Carlos Ancêde. *A tradução e suas dificuldades: pontos para uma teoria da tradução*.

OLIVEIRA, Helen Ilza Borges de. *O ato tradutório*. Disponível em: <<http://abrates.com.br>>. Acesso em: 02 abr. 2009.

PAES, José Paulo. *Tradução a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

RESENDE, Aldrey Martins. Paradigmas do ato tradutório. In: CARVALHAL, Tânia Franco;

REBELLO, Lúcia Sá; FERREIRA, Eliana Fernanda Cunha (Orgs.). *Transcrições: teoria e práticas: em memória de Haroldo de Campos*. Porto Alegre: Evangraf, 2004, p. 109 – 113.

RIBEIRO, Maria Alice Capocchi. *Repensando o curriculum de um curso superior em tradução*. Disponível em: <<http://www.sintra.org.br>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

RODRIGUES, Elizamari M. Tradução e impregnação: exemplo em Monteiro Lobato. In: CARVALHAL, Tânia Franco; REBELLO, Lúcia Sá; FERREIRA, Eliana Fernanda Cunha (Orgs.). *Transcrições: teoria e práticas: em memória de Haroldo de Campos*. Porto Alegre: Evangraf, 2004, p. 205 – 213.

SÁ, Edmilson. Versões nacionais das músicas estrangeiras que convencem. *Mundo Jovem*, Porto Alegre, nº. 349, p. 10, ago. 2004.

SAID, Fábio. *Tradução 100% equivalente não existe*. Disponível em: <<http://fidusinterpres.com>>. Acesso em: 09 abr. 2009.

SALAMA-CARR, Myriam et al. Os tradutores e a disseminação do conhecimento. In: DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (orgs). *Os tradutores na história*. Traduzido por Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998, p. 113-139.